

Brinquedoteca: espaço de brinquedos, brincadeiras e de exploração do imaginário infantil numa perspectiva de educação popular

Maria Simone Ferraz Pereira¹

Resumo

Objetivamos com este trabalho apresentar algumas reflexões sobre uma experiência de implementação de uma brinquedoteca em uma instituição de educação não-formal. A experiência teve como principal objetivo possibilitar um processo de mudança social no processo de formação docente de um grupo de alunas de um curso Normal Superior, ou seja, o contato e principalmente o compromisso com a formação do(a) educador(a) popular.

Palavras-chave

Educação popular. Formação de educadores. Brinquedoteca.

1. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professora de Didática Geral da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado do Instituto Berlaar (IBERLAAR) – Patrocínio e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Educacional (GEPAE) da Faculdade de Educação (FACED/UFU). E-mail: msimone@netsite.com.br.

Brinquedoteca: space of toys, tricks and of imaginary exploration of the infantile one in a perspective of popular education

Maria Simone Ferraz Pereira*

Abstract

We objectify with this work to present some reflections about an experience of implementation of a toy's room in a not-deed education institution. The experience had as a main objective to make possible a process of social change in the process of docent formation of a group of pupils from a Superior Normal course, that is, the contact and mainly the commitment with the popular educator academic formation.

Keywords

Popular education. Formation of educators. Toy's room.

* Master in education for the College of Education of the State University of Campinas, teacher of General Didactics of the UFU, Practical of Education and Period of training Supervised of the IBERLAAR - Sponsorship and member of the Group of Studies and Research in Educational Evaluation - GEPAE, of the FACED/UFU. E-mail: msimone@netsite.com.br

No ano de 2006, no Estágio Supervisionado I e II, instigamos um grupo de alunas, a partir do conhecimento que já tinham sobre a realidade educacional, a desenvolver atividades em que se comprometessem com a aprendizagem popular e exercitassem competência político-pedagógica e, principalmente, o compromisso com a realidade educacional-social.

Sem teoria pedagógica sólida, não haverá prática pedagógica sólida (PISTRAK, 2003), bem fundamentada, com possibilidade de conscientização. A teoria que não se compromete com as questões sociais tende a se materializar em uma prática individualista sem nenhuma finalidade social, preocupada apenas em resolver os problemas pedagógicos momentâneos, como planejar uma boa aula para garantir a atenção dos alunos, utilizar o melhor instrumento avaliativo, dentre outros (PEREIRA, 2006, p. 119).

Nesse momento, um desafio estava lançado: encontrar uma instituição que, em meio às suas atividades cotidianas, abrisse espaço e possibilitasse o trabalho efetivo das estagiárias, ou seja, a interação das mesmas com a organização do trabalho pedagógico no sentido de modificar algum aspecto da realidade observada, produzir conhecimento e se modificar com essa produção (FREITAS, 1991).

Uma prática sem finalidade social não contribui para a formação consciente de um indivíduo capaz de participar ativamente da organização social em que se encontra inserido. A tendência dessa formação é a preocupação excessiva com as questões práticas, com as respostas às questões metodológicas, didáticas, avaliativas, bem como a indiferença e a frieza em relação à teoria, pois entende que a teoria não é capaz de dar as respostas à prática e que a consciência macro da questão avaliativa não soluciona as necessidades imediatas impostas pelo cotidiano da sala de aula (PEREIRA, 2006, p. 119).

Essa busca nos levou a uma instituição de educação não-formal que realiza atividades educativas extra-escolares com meninas de 06 a 14 anos, com a finalidade social de trabalhar e promover a formação humana da infância e adolescência de crianças social e economicamente desfavorecidas.

A instituição, conhecida como Patronato Berlaar Coronel João Cândido de Aguiar, localiza-se na cidade de Patrocínio-MG, foi fundada em março de 1956 sob a direção da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar, entidade mantenedora da Rede Berlaar de Educação. Foi criada inicialmente para atender meninas em regime de internato, mas com o passar dos anos passou a desenvolver atividade educacional com crianças e adolescentes que freqüentam a escola regular em um turno e, geralmente, não têm com quem ficar em casa para as mães e pais trabalharem. Sendo assim, freqüentam o Patronato no horário diferente do turno escolar.

Atualmente, a instituição atende 85 meninas nos períodos matutino e vespertino. Está sob a direção de uma das irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria e conta com apoio financeiro da Prefeitura Municipal que, por meio das Secretarias de Educação e de Ação Social, disponibiliza duas professoras (uma para cada turno), alguns materiais e a alimentação. Além disso, a instituição conta com doações de pessoas da comunidade local, bem como da Bélgica.

As crianças e adolescentes que freqüentam a instituição no período da manhã chegam por volta de 07h, tomam café e, em seguida, se encaminham para as atividades: realização de tarefa de casa, artesanato (vagonite), flauta (professor voluntário do Conservatório), aula de computação (ministrada pelas alunas mais velhas). Geralmente às 10h tomam banho e às 11h almoçam, assistem a um vídeo ou realizam brincadeiras livres e, em seguida, vão para a escola. As alunas do turno da tarde chegam da escola regular, almoçam e realizam as mesmas atividades, com exceção da flauta, e às 15h lan-

cham. No lugar da flauta elas fazem ballet, também com uma professora voluntária.

As alunas dos dois turnos são responsáveis pela organização e manutenção do lugar, ou seja, cada uma, após as refeições, lava seus talheres, copo e prato. Além disso, é feito um rodízio diário em que diferentes grupos se responsabilizam para a limpeza e organização do refeitório e, semanalmente, dos banheiros, piscina², sala de aula e corredores.

O conhecimento dessa realidade constantemente nos levava a pensar que

se quisermos desenvolver a vida coletiva [...] devemos formar entre os jovens não somente a aptidão para esse tipo de vida, mas também a necessidade de viver e de trabalhar coletivamente na base da ajuda mútua, sem constrangimentos recíprocos (PISTRAK, 2003, p. 54).

Percebemos que a instituição, ao organizar as alunas para a realização de tarefas, revela uma preocupação com o desenvolvimento do trabalho produtivo para o desenvolvimento da vida coletiva. Sabemos que instigar ações coletivas é uma necessidade premente de uma educação que se preocupa com a questão popular, principalmente numa época que tende à individualização das pessoas e de seus valores.

Combinamos com as estagiárias que o trabalho desenvolvido só deveria ser decidido após um período de vivência com as alunas nas tarefas escolares, recreação, momentos de higiene, atividades manuais, alimentação, ou mesmo conversas informais.

A escola, por ser um dos lugares de exercício do método dialético (PISTRAK, 2003), deve possibilitar as vivências das contradições presentes na realidade. Nela, os alunos, por meio da

apropriação sólida dos métodos científicos, devem analisar as manifestações da vida e ampliar o conhecimento da realidade para que possam, assim, contribuir para sua transformação. Para estudar a realidade atual, os alunos devem vivê-la intensamente, se impregnar dela, estabelecer todas as relações possíveis, vivenciando a essência dialética de tudo que existe (PEREIRA, 2006, p. 119).

Entendemos que uma formação significativa deve se pautar em um trabalho pedagógico que se fundamenta em quatro princípios básicos: o mundo pode e deve ser transformado continuamente em algo melhor, mais justo e mais humano; a mudança contínua é um direito e um dever de todas as pessoas que se reconheçam convocadas a participarem dela; a educação precisa formar pessoas destinadas a se verem como co-construtoras do mundo em que vivem e que, ademais, de ser uma educação de qualidade, que ela seja também um lugar onde a cultura e o poder sejam pensados a partir delas: de sua condição, de seus saberes e de seus projetos sociais (BRANDÃO, 2002).

Após conhecermos a realidade da instituição, e cada estagiária ter levantado uma área para realizar sua intervenção pedagógica e social, definimos que todas se envolveriam em atividades de apoio pedagógico e cada uma desenvolveria uma proposta que somasse à formação das alunas e que superasse as famosas críticas feitas nas aulas teóricas: ensino tradicional, fragmentação dos conteúdos, autoritarismo docente, carência de recursos pedagógicos, ausência de momentos recreativos, tão importantes para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, falta de exploração da fantasia e do imaginário infantil, dentre outros. O desafio consistia em realizar um trabalho que envolvesse alunas da instituição e estagiárias, sendo que todas deve-

2. A instituição conta com uma ótima piscina construída com recursos de um doador da Bélgica. Quase todas às sextas-feiras as alunas a utilizam no momento de lazer.

riam se constituir como sujeito-objeto da ação, modificar e ser modificadas pelo mesmo.

O trabalho na escola, enquanto base de educação deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e, de outro a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático. Assim, o trabalho tornaria anêmico, perderia sua base ideológica (PISTRAK, 2003, p. 38).

Após o período inicial de reconhecimento da realidade em que estávamos inseridas, conversamos sobre as transformações que têm nos assolado nos últimos tempos e como elas têm influenciado e modificado comportamentos, inclusive a dinâmica do brincar. Refletimos também que muitas vezes a escola, em meio a tantas atividades pedagógicas, tem acentuado esse cenário, pois quase não tem tempo para realizar atividades em que os alunos se posicionem como sujeitos-educandos, atores ativos do processo ensino-aprendizagem (BRANDÃO, 2002), principalmente após o período da Educação Infantil. Com isso, percebemos a necessidade de criar um espaço que tivesse como objetivo central a exploração do lúdico, da fantasia, do imaginário, ou seja, uma brinquedoteca.

Assim, mais uma vez nos reunimos com a direção e apresentamos a proposta de um trabalho coletivo, envolvendo instituição, professora de estágio, estagiárias, professoras da instituição e, principalmente, as crianças e adolescentes. A diretora se mostrou interessada, prontamente disponibilizou uma sala e assim nasceu o projeto "Brinquedoteca: espaço de brinquedos, brincadeiras e de exploração do imaginário infantil".

O projeto partiu do princípio de que a brincadeira e o jogo são fundamentais para a construção da aprendizagem e do desenvolvimento coletivo e individual das crianças e dos

adolescentes. Por meio das brincadeiras, dos jogos e do imaginário, elas se expressam, se relacionam com o outro, experimentam papéis, lidam com seus medos, frustrações e fantasias.

As atividades lúdicas possibilitam às crianças estabelecerem e ampliarem cada vez mais as relações sociais. Aos poucos aprendem a articular seus interesses e pontos de vista com os dos seus semelhantes, despertando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e de colaboração (CENTURION e OUTROS, 2004).

Ressaltamos que, ainda que a brincadeira apareça formalmente incluída nos currículos escolares, faz-se necessária a implementação de um ambiente físico/temporal para que a mesma possa contribuir para o desenvolvimento infantil de forma plena. Nesse sentido, acompanhando as principais investigações acerca desta temática, verificamos que a brinquedoteca se constitui como espaço diferenciado dentro da instituição e que tem como objetivo central fazer do lúdico um momento privilegiado de exploração e descoberta no universo da infância e de constituição da personalidade.

Assim, definimos como objetivos do projeto: contribuir com a inclusão social, com intuito de minimizar as atuais condições de desigualdade e exclusão escolar de crianças e adolescentes; organizar no Patronato uma brinquedoteca, a fim de estimular o desenvolvimento integral das crianças e contribuir para que as alunas em formação docente desenvolvam subprojetos e atividades que vão ao encontro das necessidades da instituição; possibilitar às alunas em formação um maior contato com a realidade educacional, no que se refere à questão do brincar; possibilitar às crianças e adolescentes o acesso a vários tipos de brinquedos e de brincadeiras para estimular o desenvolvimento integral das mesmas; enriquecer as relações familiares, através da participação dos adultos nas atividades infantis; desenvolver hábitos de responsabilidade e cooperação entre as crianças e entre crianças e adultos; emprestar brinquedos, com o intuito de desenvolver hábitos de responsabilidade e

trabalho; criar um espaço de convivência que propicie interações espontâneas e desprovidas de preconceitos.

Por meio das observações, as estagiárias constataram que normalmente o tempo de brincar da criança na escola se dá em um momento excluído da relação pedagógica, mais concentrada nas atividades convencionadas como próprias para a aprendizagem. Intencionamos contribuir para o rompimento dessa visão que se perpetua, tanto por uma falta de reflexão crítica, como pela ausência de um espaço que viabilize a interação criança-criança-brinquedo-brincadeira, e também oferecer para as alunas, que semanalmente freqüentam o Patronato, recursos para que a brincadeira seja um momento compartilhado, entre crianças e educadoras, numa perspectiva de integração, recreação, educação e de formação.

Assim, as estagiárias se organizaram em 03 grupos e, baseadas nesse projeto, elaboraram e desenvolveram subprojetos³. Como não tínhamos recursos para a compra dos brinquedos, esses três projetos adotaram como princípios a construção coletiva de brinquedos a partir da utilização de materiais reciclados e o resgate de brinquedos e brincadeiras antigas. Após a definição do espaço e dos temas que cada grupo desenvolveria, organizamos oficinas para a confecção dos brinquedos.

Ao longo das oficinas, as estagiárias conversaram com as alunas do Patronato sobre o meio ambiente, fazendo comparações e reflexões sobre as transformações ocorridas no natural, analisaram vantagens e desvantagens das mudanças. Fizeram com as alunas um levantamento de materiais que constantemente são jogados no lixo e que podem servir para a confecção de objetos diversos. Pediram para as alunas coletarem caixas de leite, garrafas pet, tampinhas, revistas, retalhos de tecido, restos de

papel colorido, papelão, lã, linha, caixas, rolos de papel higiênico.

Após a coleta dos materiais, as estagiárias orientaram as alunas na confecção de uma casinha para fantoches, vai-e-vem, carrinhos, tartarugas, flores, vasos, boliche numérico, boliche silábico, bilboquê, carrinhos, jogos de memória, bingos, alfabetários, quebra-cabeças, jogos de seqüência lógica, fantoches, dobraduras, avental para contação de histórias com fantoches de palito de picolé. E assim nasceu a brinquedoteca, inicialmente só com o espaço da sucatoteca.

Além das oficinas para confecção de brinquedos, constantemente elas realizavam jogos e brincadeiras nos diversos espaços da instituição: parquinho, gramado, piscina, palquinho com encenação teatral.

Nesses momentos a imaginação e a criatividade eram companheiras das alunas e estagiárias. Observar como se comportavam e se relacionavam nas oficinas, nas brincadeiras e como se utilizavam da criatividade para driblar a falta de recursos mais sofisticados para a realização dos jogos, reforçava em nós a certeza de que a função dos jogos, das brincadeiras e dos brinquedos não se limita ao mundo das emoções e da sensibilidade, mas contribui também para o desenvolvimento da inteligência, do pensamento e das funções mentais superiores. Além de assumir seu desafio - a função social. Desafio maior da educação popular, uma educação que se compromete com a formação de um povo concreto, real, humano.

No momento em que nos reunimos para planejarmos como levantaríamos recursos para a aquisição de brinquedos e organização do outro espaço da brinquedoteca, entramos em contato com uma professora de educação infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA). Conversamos com essa educadora e ela nos falou de um trabalho que ela, juntamente com outras

3. Foram elaborados e desenvolvidos três subprojetos intitulados: "Brinquedoteca: aprender brincando, reciclando e preservando o meio ambiente"; "Brinquedoteca: um espaço para aprender construindo"; "A inserção do brinquedo e da brincadeira como parte do projeto educativo das escolas".

professoras da educação infantil, tinha realizado com seus alunos sobre a questão do brincar e do consumo que em nossa sociedade envolve os brinquedos e brincadeiras. Como parte do projeto, cada criança doou um brinquedo seu que poderia servir para outras crianças brincarem. No momento em que conversamos, elas estavam definindo uma instituição para receber os brinquedos.

Em seguida, fomos até a ESEBA para conhecermos a brinquedoteca, o trabalho desenvolvido na mesma e falarmos do nosso projeto. Durante a visita, recebemos a doação dos brinquedos e posteriormente os encaminhamos ao Patronato. Sabemos que a questão social é um aspecto forte na implementação de ações alternativas, as dificuldades econômicas, sociais, culturais tendem a ser acentuadas ou minimizadas pelos projetos que assumimos em nossas instituições educacionais. Nesse sentido, uma educação viável precisa se voltar contra o fundamento do modelo de sociedade, de práticas sociais associadas ao trabalho e ao capital (BRANDÃO, 2002).

O dia da entrega dos brinquedos foi um momento muito especial. Reunimos todas as alunas, crianças e adolescentes, na sala reservada às tarefas escolares e passamos um tempo conversando. Falamos sobre os brinquedos, as crianças que os tinham oferecido, o ambiente da brinquedoteca e seu significado, quem seriam os responsáveis pela organização e manutenção do ambiente. Em seguida, convidamos as crianças menores para receberem os brinquedos.

Nesse momento, percebemos nossos equívocos. Acreditávamos que as adolescentes não teriam interesse, por se tratarem de bonecas, ursinhos, carrinhos, panelas, enfim, brinquedos “apropriados” para crianças. Imaginávamos que as adolescentes se interessariam apenas pela manutenção, coordenação do ambiente e das atividades a serem realizadas, como já era de costume. Qual não foi nossa surpresa quando reivindicaram a participação: “por que não podemos brincar? Temos apenas que trabalhar?”.

Convidadas a entrar na roda partilharam com as pequenas do momento de brincadeira, sem grandes compromissos ou medo de serem criticadas: abriram sacolas, abraçaram ursos, vestiram roupas, montaram uma bandinha e “voltaram” à infância.

Se para as alunas aquele foi um momento propício ao brincar, ao prazer, à alegria, para as estagiárias foi a possibilidade de entender que aprender é algo próximo a transformar-se em alguém consciente e motivado a participar com outros de um trabalho cultural e político destinado a criar um outro tipo de vida social, mais justa, mais humana, mais igualitária, mais livre, mais solidária, enfim, de se constituir como protagonista de sua própria história (BRANDÃO, 2002). Como na imagem abaixo, na qual as alunas, diante dos objetos presentes no espaço, encontraram caminhos, trilhas para a construção e ressignificação do real.

Após um momento de brincadeira, levamos os brinquedos para a brinquedoteca e pedimos para elas encontrarem, com a ajuda das estagiárias, uma maneira para organizar o espaço. A organização foi outro momento rico da atividade: trabalho e brincadeira se intercalavam num movimento constante de organização e reorganização dos espaços, de definição e negociação. Afinal, brincando elas tinham a tarefa de organizar um ambiente essencialmente coletivo.

De acordo com Cunha (2000),

através das brincadeiras, as crianças se expressam, comunicam e se relacionam com as outras crianças. E principalmente aprendem sobre o mundo que as cerca e procuram interagir-se a ele (CUNHA, 2000, p. 25).

Durante a definição dos cantos, a brincadeira tomou conta do grupo e de nós adultos, fomos convidadas a ocupar o lugar de observadoras. Em meio às brincadeiras, as regras, juntamente com os nomes dos cantos, foram surgindo: escritório, consultório, cozinha, jogos comprados e jogos feitos por nós, canto das bonecas, dos ursos e carrinhos, canto das fanta-

sias, chapéus, sapatos, colares.

No momento em que terminaram a organização, umas meninas abriram o guarda-roupa (canto da fantasia) e começaram a improvisar personagens. Aquele foi o convite para reiniciarem a brincadeira. Vestiam e tiravam as fantasias e a cada fantasia um novo personagem aparecia. Em alguns minutos a maioria estava fantasiada e com a ajuda de uma estagiária deu-se início a um divertido desfile.

Realizamos o mesmo processo com a turma da tarde e o movimento foi semelhante ao turno da manhã. Encerrando, assim, a organização da tão sonhada brinquedoteca.

Durante semanas, as atividades se repetiam: terminavam as tarefas e corriam para a brinquedoteca. Sempre que chegávamos ao Patronato as menores gritavam: “Olha as tias da biblioteca de brincar. Hoje tem brincadeiras!”. As meninas menores pegavam as bonecas, ursos, vestiam-se de mães, enquanto as maiores vestiam e tiravam as fantasias: imitavam madames, bruxas, avós, bichos, homens e vários outros personagens que a imaginação liberava e libertava. Diariamente, elas organizavam e reorganizavam os espaços, pois uma regra definida coletivamente foi: brincou, tem que ajudar a arrumar.

No desenvolvimento dos trabalhos individuais, muitas estagiárias exploraram as várias linguagens artísticas: teatro, música, dança e artes plásticas. Nesse momento, a brinquedoteca ganhou um novo significado. Quase todas as propostas culminavam com uma apresentação numa área da instituição que tem um palco.

Aquele espaço passou a ser oficialmente uma extensão da brinquedoteca. Lá, elas organizavam os cenários: levavam bonecas, bichos de pelúcia, roupas, jogos. A cada cena a cortina era fechada e um novo cenário aparecia, pois, na definição dos papéis, sempre tinha escritoras, produtoras, diretoras, atrizes, atores, narradoras, contra-regra e operadores de palco.

Nesse palco e em meio ao imaginário infanto-juvenil, falavam de valores, relações humanas, meio ambiente, obesidade, nutrição,

matemática, leitura, higiene bucal, declamavam poemas, dramatizavam contos de fada, faziam releituras de histórias e músicas. Era a vivência efetiva dos diferentes papéis em que estagiárias saíam da posição de alunas e tinham autonomia para planejar, executar, coordenar, orientar e avaliar a própria ação. Era uma troca constante de experiências e conhecimentos com as alunas, uma possibilidade de viver de fato o que diz Paulo Freire (1995): “ninguém educa ninguém, as pessoas se educam mediatizadas pela experiência que vivenciam”. E é este o princípio da educação popular.

Essas experiências, por sua vez, serviam de elementos para analisarmos a formação docente. Falávamos dos aspectos positivos, negativos, dos medos, frustrações e alegrias durante o planejamento e desenvolvimento das atividades. Acreditamos que,

o curso de formação precisa assumir caráter teórico-prático, sem se render ao pragmatismo tão comum nos meios educacionais. Ao se organizar para garantir ao aluno a transição entre escola de formação e realidade do exercício docente, o eixo dos cursos de formação é o princípio teoria-prática. Com esse eixo, as vivências concretas dos espaços escolares devem orientar a reflexão teórica e essa, por sua vez, capacitar o profissional em formação para a intervenção autônoma no ambiente escolar, para analisar e explicar os dilemas específicos de seu trabalho e instrumentalizá-lo para o planejamento e a demonstração de iniciativas necessárias à organização do trabalho docente com vistas à formação básica dos alunos. Essa formação contempla os aspectos cognitivos-políticos-culturais e sociais (PEREIRA, 2006, p.120).

Desenvolver o projeto “Brinquedoteca: espaço de brinquedos, brincadeiras e de exploração do imaginário infantil”, como atividade no estágio, foi uma oportunidade para proporcionar a algumas crianças e adolescentes, que

muitas vezes não são nem percebidas pela e na escola regular, uma pedagogia comprometida com a formação de um ser humano pleno, capaz de agir e transformar o meio em que se encontra inserido. Na fala de um grupo de adolescentes: vivenciar no “Patronato uma fábrica de sonhos”.

As idéias discutidas neste trabalho constituem uma das possibilidades para se pensar o papel do trabalho como elemento articulador da relação teoria-prática na formação docente. Não tivemos nenhuma pretensão de organizar um conjunto de procedimentos téc-

nicos de como formar o professor. Nosso maior objetivo refere-se ao desejo de somar argumentos àqueles que ainda acreditam haver, nesse tempo de desencanto, possibilidades de resgate da esperança e que crêem na necessidade de se lutar por uma escola de qualidade para todos. Educação que seja de fato popular porque se dá junto com o povo, para o povo e que é capaz de gerar, brotar transformações. Uma contribuição, portanto, para o debate que coloca em pauta a luta e o dever de cada um e de todos para melhorar as condições da educação brasileira.

Referências

BRANDÃO, C. Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.122-184.

CENTURION, S. et al. **Jogos, projetos e oficinas para educação infantil**. 1 ed. São Paulo: FTD, 2004.

CUNHA, Nylse da S. **Brinquedo, desafio e descoberta**. Rio de Janeiro: FAE, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

FREITAS, L. C. de. Organização do trabalho Pedagógico. **Revista de Estudos**. Novo Hamburgo, v. 13, n. 1, p. 10-18, jul. 1991.

FRIEDMANN, Adriana; CUNHA, Nylse H. da S. **ODireitodebrincar**. São Paulo: Scritta: ABRINQ, 1992.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis**. Petrópolis: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Brinquedos tradicionais brasileiros**. São Paulo: SESC, 1983.

PEREIRA, Maria Simone Ferraz. **Formação de professores e avaliação**: um estudo da percepção dos discentes de um curso de pedagogia. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

WEISS, Luise. **Brinquedos e engenhocas**: atividades lúdicas com sucata. São Paulo: Scipione, 1989.

<http://www.pastoraldacrianca.org.br/htmltonuke.php?filnavn=dicas/acoesbasicas/brinquedoteca.htm>. Acesso em: 14 nov. 2006.

Anexos



Foto 1. Construção do tapete da brinquedoteca pelas alunas do Patronato (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 2. Integração e exploração das diversas linguagens (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 3. Momentos de muita alegria, descontração, descobertas e satisfação com a chegada dos brinquedos (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 4. As alunas durante a construção da brinquedoteca - sujeitos ativos na produção de uma bandinha (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 5. O momento do faz-de-conta em meio ao processo de organização da brinquedoteca (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 6. Organização da brinquedoteca: trabalho, criatividade e muita interação (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 7. Embarcando no mundo da imaginação: fantasia e realidade – mundos entrelaçados (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 8. Após muita produção e diversão chegamos à nossa brinquedoteca (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 9. Situação de planejamento das atividades (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).



Foto 10. O palco como extensão da brinquedoteca: o exercício da representação na constituição das alunas do Patronato (Desenvolvimento do projeto: 1º e 2º semestres de 2006).